

PEDRO COSTA

Susana Viegas (IFILNOVA/Deakin University)

Carlos Melo Ferreira. Porto: Edições Afrontamento, 2018. 165 pp. ISBN: 9789723616804.

Desengane-se o leitor mais distraído que julga um livro pela capa: *Pedro Costa*, escrito por Carlos Melo Ferreira e publicado pelas Edições Afrontamento, não é um *coffee table book*. Longe disso. Ainda que de capa dura e com copiosas imagens a cores,¹ ainda que belo de ver, este não é um livro para se exibir às visitas ou para decorar a sala.

Carlos Melo Ferreira, doutorado em Ciências da Comunicação (Cinema) pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (2002), foi professor auxiliar na Escola Superior Artística do Porto e professor convidado na Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo do Instituto Politécnico do Porto, é investigador em estudos artísticos, *blogger* (até 2016, *Some like it cool*, e, em 2017, *Some like it hot*) e autor de vários livros: *O Cinema de Alfred Hitchcock* (Edições Afrontamento, 1985), *Truffaut e o Cinema* (Edições Afrontamento, 1991), *As Poéticas do Cinema: A Poética da Terra e os Rumos do Humano na Ordem do Fílmico* (Edições Afrontamento, 2004) e *Cinema: Uma Arte Impura* (Edições Afrontamento, 2011), *Cinema Clássico Americano: Géneros e Génio em Howard Hawks* (Edições 70, 2018).

Até aqui, os amantes da obra de Pedro Costa contentavam-se com o razoavelmente soberano e incontestado *Cem Mil Cigarros*,² livro de crítica e análise dos seus filmes, segundo Iván Villarrea Álvarez, “uma publicação que já é uma leitura obrigatória (e muito prazenteira) para os estudiosos da obra de Costa”,³ por vezes de uma forma exegética, por vezes de uma forma repetitiva e circular.

Neste aspeto, o livro de Carlos Melo Ferreira é um contributo substancial e necessário para o estudo da obra de Pedro Costa, obra, sem dúvida, muito analisada e comentada, com artigos dispersos a serem publicados regularmente (ainda assim, o autor opta por não apresentar uma bibliografia final), mas pouco estudada e analisada no seu todo.

Ou seja, *Pedro Costa* dá uma visão crítica panorâmica sobre uma obra extensa, inovadora e complexa que, muitas vezes, resta analisada segundo uma perspetiva parcial. Esta atitude mais convergente de Carlos Melo Ferreira é particularmente eficaz num cineasta

como Pedro Costa, autor de uma obra consistente, sem aquilo que poderíamos chamar de obras menores ou de filmes falhados—ou seja, um verdadeiro clássico moderno. É, justamente, como um clássico moderno que Carlos Melo Ferreira o interpreta.

As vantagens de uma visão panorâmica e convergente tornam-se mais evidentes com a ligação das três partes que constituem o livro: “Cartografia”, “Os filmes” e “As imagens”.

Traçando crítica, formal e estilisticamente uma panorâmica por um percurso notável que começou em 1990 com *O Sangue*, precedido pela aclamada curta-metragem *Cartas a Júlia* (1987), e que desde a viragem do século com *No Quarto da Vanda* (2000) é reconhecido internacionalmente como um dos cineastas obrigatórios da contemporaneidade, Carlos Melo Ferreira centra-se na obra de Pedro Costa como ninguém fizera até aqui.

Do campo-contracampo inicial de *O Sangue*, quando o filho (Pedro Hestnes Ferreira) responde à bofetada que o pai (Henrique Canto e Castro) lhe dá com “Faça de mim o que quiser”, Carlos Melo Ferreira lê um manifesto de continuação, de renovação, mas também de rutura, com o cinema novo português. Este manifesto explicita-se na filiação inata com Paulo Rocha e António Reis e na filiação óbvia com Straub e Huillet, Charles Chaplin, Robert Bresson e Jean-Luc Godard. Poderemos evocar ainda as afinidades artísticas e a proximidade cinematográfica de Pedro Costa com outros cineastas contemporâneos: Wang Bing, Jia-Zhang-ke, Apichatpong Weerasethakul e Hong Sang-soo (capítulo 11, “Excurso poético”, p. 65-68).

Carlos Melo Ferreira destaca ainda a importância de *Casa de Lava* (1994), “como se fosse um segundo ‘primeiro filme’” (p. 9) ou “a segunda primeira e definitiva matriz do cinema de Pedro Costa”, (p. 12) para o que viria a ser a grande marca da fisionomia da ética e da estética de filmagem em Pedro Costa na sua trilogia das Fontainhas.

Se o reconhecimento da filiação cinematográfica é importante, Carlos Melo Ferreira, ao longo do livro, clarifica a grande originalidade estética e ética de Pedro Costa, nomeadamente nas análises fílmicas que faz do uso do grande-plano (os rostos e os olhos dos personagens), do plano-sequência e do plano fixo, mas também da proximidade afetiva criada pelo uso da dinâmica entre primeiro-plano, grande-plano e plano de pormenor. Mas também o fora de campo, em particular num apelo dirigido ao espectador, obrigado a ver o que é mostrado (segundo a tese do autor, trata-se de um distanciamento que é também um convite à participação atenta), expressão da ansiedade artística de aliar política e poética: “O que é artístico nesses filmes não é apenas por causa da beleza envolvida,

mas também pela verdade que encerra” (p. 48). Ainda formalmente, são interessantes e reveladoras as análises realizadas à questão da iluminação e do som e música (é bastante esclarecedor o capítulo 2, “A época, a cultura e o cinema”, no qual o autor situa a proximidade entre Costa e o punk, p. 25-27), bem como a criação de movimentos territoriais (pertencer a um lugar, mas também o sair e entrar na cidade, sair e entrar no bairro, sair e entrar em casa, no quarto).

Quanto à sua organização, o livro divide-se em três partes que se revelam dependentes entre si. A primeira parte, “Cartografia”, é composta por onze capítulos temáticos sobre a obra integral de Pedro Costa e conjuga a análise fílmica de um determinado ponto de vista temático, com temas extradiegéticos bastante populares (como as histórias por detrás das filmagens) e análises semióticas (em particular, a análise de planos paradigmáticos, ou as famosas “imagens-fetiche”,⁴ com Vanda ou com Ventura). Estas análises apoiam-se numa bastante pertinente terminologia filosófica e sociológica, de Karl Marx, Gilles Deleuze, Giorgio Agamben e Jean-Luc Nancy, que o autor cita indireta e livremente.

Na segunda parte, “Os filmes”, o autor apresenta-nos leituras orientadas das oito longas-metragens, das sete curtas-metragens e das exposições, sempre tendo em conta a ténue fronteira entre a ficção e o documentário. Ao contrário das análises levadas a cabo na primeira parte, aqui o autor não procura interligar os filmes, explorando a circularidade entre personagens e narrativas e os evidentes vínculos familiares, mas individualizá-los. Na conclusão desta segunda parte, Carlos Melo Ferreira sintetiza quatro razões para a importância de Pedro Costa: os seres marginalizados que são a alma dos seus filmes, a exigência de o espectador ver o que é mostrado, as relações familiares entre personagens e a ambiguidade entre documentário e ficção. No fundo, um já conhecido conjunto de atitudes intransigentes que tornam o cineasta num “primitivo do cinema.”

Num jogo inteligente e sensível, o cineasta oferece e sugere uma vivência, uma experiência da vida a que não somos imunes e a que devemos permanecer atentos. E a experiência da vida, de uma vida à margem, é aquilo que os personagens dos seus filmes têm a oferecer de pessoal e de maior. (p. 116)

Seguem-se quatro páginas dedicadas a dados biográficos, filmografia, principais prémios obtidos e principais retrospectivas e exposições. Finalmente, uma surpresa maior espera-

nos na terceira parte, “As imagens”, com imagens (de cartazes internacionais a algumas fotografias de rodagem, passando por duas fotografias de Pedro Costa) escolhidas, cedidas e montadas pelo próprio cineasta.

Fugindo aos cânones rígidos da academia, esquivando-se ao carácter autoritário das citações, este é um livro de uma cinefilia que nos cativa pela clareza e espontaneidade do discurso, marcadamente pessoal e apaixonado, e que, na bela tradição literária legada por João Bénard da Costa, fará as delícias dos cinéfilos.

1. Todas as imagens do livro foram escolhidas e cedidas por Pedro Costa, montadas pelo autor e pela editora nas partes 1 e 2 e montadas pelo próprio cineasta na parte 3.

2. Ricardo Matos Cabo, ed., *Cem Mil Cigarros: Os Filmes de Pedro Costa* (Lisboa: Orfeu Negro, 2010).

3. Iván Villarrea Álvarez, “Recensão de ‘Cem Mil Cigarros: Os Filmes de Pedro Costa’ de Ricardo Matos Cabo (ed.)”, *Cinema: Journal of Philosophy and the Moving Image* 2 (2011): 235, <http://cjpmi.ifilnova.pt/2-contents>.

4. *Ibid.*, 233.